

#JustiçaParaMarielleEAnderson: uma análise da rede no Twitter

#JusticeForMarielleAndAnderson: a social network analysis of Twitter

Franco Benites de ALMEIDA¹
Vitor de Oliveira PIMENTA²
Mateus Luan DELLARMELIN³

Resumo

Marielle Franco, filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e a quinta vereadora mais votada nas eleições municipais de 2016 no Rio de Janeiro - Brasil, foi assassinada em 14 de março deste ano. Após completar dois meses e sem indícios de quem foram os responsáveis pelo crime, objetivamos através deste estudo, cartografar as menções realizadas ao caso na rede social, em que visamos identificar quem são os principais atores que mantém acesa as discussões em relação ao crime contra a vereadora e o motorista, assim como, compreender como estes personagens se inter-relacionam, se destacam e se mobilizam dentre os vários conteúdos produzidos diariamente no Twitter. Para isso, recorreu-se à busca de dados no dia 16 de maio de 2018 a partir do programa *NodeXL*, utilizando o termo Marielle Franco e a hashtag #JustiçaParaMarielleEAnderson com a posterior interpretação da base de dados obtida com o auxílio do software *Gephi*.

Palavras-chave: Cibercultura; Marielle Franco; Redes Sociais; Twitter; Web 2.0.

Abstract

Marielle Franco, affiliated to the Socialism and Freedom Party (PSOL) and the fifth Councillor most voted in the municipal elections of 2016 in Rio de Janeiro-Brazil, she was murdered on March 14 this year. After completing two months and without evidence of who were responsible for the crime, aim through this study, mapping the information held on the case in the social network, in which we aim to identify who are the main actors that holds on the discussions in relation to crime against Councilwoman and the driver, as well as, understanding how these characters interrelate, stand out and mobilized among the various content produced daily on Twitter. For it was to search for

¹ Mestrando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho (UMinho).
E-mail: francobenites@gmail.com

² Mestrando em Ciências da Comunicação na Universidade do Minho (UMinho).
E-mail: vitordeoliveira.pimenta@gmail.com

³ Doutorando em Ciências da Comunicação na Universidade do Minho (UMinho). Pesquisador associado ao Centro de Estudos de Comunicação e Sociedades (CECS/UMinho).
E-mail: mateusluand@gmail.com

data on day 16 of may 2018 from the software *NodeXL*, using the term Marielle Franco and the hashtag #JusticeForMarielleAndAnderson with the subsequent interpretation of the database obtained with the aid of the software *Gephi*.

Keywords: Ciberculture; Marielle Franco; Social Media; Twitter; Web 2.0.

Introdução

O homicídio de Marielle Franco, vereadora da cidade do Rio de Janeiro (RJ) pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), e de Anderson Pedro Gomes, motorista da parlamentar, no dia 14 de março de 2018, resultou em uma ampla cobertura da imprensa brasileira e internacional e em uma comoção nas redes sociais. Dois meses após o assassinato, os responsáveis pelo crime não foram identificados e nem formalmente acusados e o assunto ainda segue em pauta na cobertura jornalística e nas redes sociais.

Diante deste contexto, o objetivo deste artigo é cartografar as menções a Marielle Franco nas redes sociais, em específico no Twitter, a fim de identificar quem são os principais atores que mantém acesa a discussão em torno da vereadora no microblog e como esses personagens se inter-relacionam e se destacam em meio as diversas publicações, dos mais variados conteúdos nas redes diariamente. Para isso, recorreu-se à busca de dados a partir do programa *NodeXL*, utilizando o termo Marielle Franco e a hashtag #JustiçaParaMarielleEAnderson.

Optou-se pelo termo Marielle Franco por crer que nos daria um panorama geral sobre as conversações online acerca da vereadora e de seu assassinato. Para ampliar o campo de pesquisa, também foi escolhida uma hashtag por entender que a partir dela “o utilizador pode ‘etiquetar’ (categorizar com a ajuda de palavras-chave) e, por conseguinte, classificar e reencontrar à sua maneira os documentos numéricos da maior parte dessas memórias mundiais” (Lemos, 2010, p. 11). A opção pela hashtag #JustiçaParaMarielleEAnderson deu-se por ser o termo utilizado pelos internautas no dia em que o homicídio de Marielle completou dois meses.

O mapeamento foi feito no dia 16 de maio de 2018, dois dias após a morte da vereadora completar dois meses. A decisão do recorte neste período dá-se frente a compreensão de um distanciamento suficiente do marco dos dois meses que permitiria ter uma visão mais ampla das conversações sobre o tema no Twitter. Posteriormente à captura dos dados via *NodeXL*, o trabalho de cartografia foi executado com o suporte do

sistema *Gephi*, “um programa *open source* de análise de redes sociais da Internet que opera através da criação de gráficos gerados por algoritmos operadores das estatísticas que auxiliam na identificação da qualidade e da quantidade de conexões dos perfis em rede”, (Antoun & Malini, 2013, p. 233).

A escolha da rede social Twitter neste estudo, dá-se frente que esta é uma rede mais aberta do que o Facebook, e permite, salvo algumas exceções, que “todos possam seguir todos”. Além do mais, o microblog deixou de ser uma plataforma para que o internauta responda simplesmente à pergunta “O que você está fazendo agora?” e se constitui hoje como um dos canais de comunicação mais propícios ao envolvimento em eventos e debates e, conseqüentemente, à prática do ciberativismo.

Além da Análise de Redes Sociais, que “propõe uma série de métricas para mapeamento das redes (...) observadas a partir de suas relações estruturais entre nós e conexões” (Recuero, 2012, p. 265), este artigo traz, a título de enquadramento teórico, alguns conceitos sobre Cibercultura, Ciberespaço, Comunicação Mediada por Computador e Ciberativismo.

Cibercultura, ciberespaço e ciberativismo

De acordo com Lemos (2008, p. 12), cibercultura é um conceito oriundo da integração entre a cultura contemporânea e as tecnologias digitais. Segundo o autor, o termo ciber “está em todos os lugares: *cyberpunk*, cibersexo, ciberespaço, cibermoda, cibereconomia, ciber-raves, etc” (Lemos, 2008, p. 17-18) e todos eles possuem suas características próprias.

Assim também é com o ativismo, que se expandiu ao ser precedido pelo termo ciber. O ciberativismo é engendrado por pessoas reais, mas ocorre no ciberespaço, isto é, “um mundo operante, interligado por ícones, portais, sítios e *home pages*, permitindo colocar o poder de emissão nas mãos de uma cultura jovem, tribal, gregária, que vai produzir informação, agregar ruídos e colagens, jogar excesso ao sistema” (Lemos, 2008, p. 87).

Na visão de Antoun e Malini (2013, p. 19-20), a mudança da estrutura da Internet, que deixou de ser uma rede de uso restrito para se tornar mais ampla, favoreceu o desenvolvimento do ciberativismo:

Antes dos grupos de discussão da Usenet e das recentes *Bulletin Board System* (BBSs), a Internet era um espaço de *scholars* e de nós pequenos sem nenhum atrativo. Era um lugar para transferir grandes quantias monetárias e dados, mas não havia nada para se fazer de muito interessante. Com a emergência do ciberespaço (ambientes virtuais comunitários e participativos dos grupos de discussões), a comunicação distribuída suporta uma série de ativismos que vai da distribuição de *hacks* à articulação de ações coletivas contra sistemas totalitários; de campanhas de adesão para determinadas causas sociais ao trabalho de debate intelectual através de um fluxo constante de *replies* ligados a uma discussão teórica. 1984 é o ano em que surge o ciberativismo como sinônimo de ações coletivas coordenadas e mobilizadas coletivamente através da comunicação distribuída em rede interativa. (ANTOUN & MALINI, 2013, p. 19-20).

Diante disto não se pode entender o ciberativismo sem compreender antes o terreno em que ele se propaga, isto é, o ciberespaço, descrito por Lemos (2008, p. 137) como “um ecossistema complexo onde reina a interdependência entre o macrossistema tecnológico (a rede máquinas interligadas) e o microssistema social (a dinâmica dos usuários), construindo-se pela disseminação da informação, pelo fluxo de dados e pelas relações sociais aí criadas” (LEMOS, 2008, p. 137).

Outra característica importante do ciberespaço é a quebra das barreiras geográficas. A queda de muros no ambiente online possibilita uma maior aproximação entre as pessoas de lugares distintos, mas cujo interesse (social, político, esportivo, cultural, etc) está alinhado, ou seja, as novas tecnologias atuam como mecanismos de formações do coletivo, em que são possibilitadas trocas e compartilhamentos de diversos conteúdos (LEMOS, 2008).

É no ciberespaço que ocorre a Comunicação Mediada por Computador (CMC) a partir da qual “as relações sociais são forjadas através das trocas de informação entre os indivíduos. Ela não é, portanto, apenas uma estrutura técnica de suporte à linguagem, mas, igualmente, um conjunto de ferramentas cujo sentido é construído pelos interagentes” (RECUERO, 2012, p. 260). Esses interagentes atuam em plataformas diversas e nas formas mais variadas, criando, replicando ou transformando conceitos de forma que se tenha “uma inteligência distribuída em todas as direções, valorizada sem cessar, coordenada em tempo real, e que chega a uma valorização e mobilização efetiva” (Levy, 2007, p. 29).

Web 2.0

O termo web 2.0 é utilizado para se referir a uma plataforma mais interativa e participativa de comunicação. Ao longo dos anos, o termo foi atualizado, revisto e repensado e gerou inúmeras discussões acadêmicas, mas neste estudo, utilizamo-lo com base em um significado de potencializar “processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática” (PRIMO, 2007, p. 2).

De acordo com Antoun e Malini, a web 2.0 subverteu a lógica unidirecional da web 1.0, época marcada pela primazia dos sites e portais, plataformas que se caracterizavam como um “supernó que concentrava todo tipo de conteúdo” (ANTOUN & MALINI, 2013, p. 211). Esse supernó deu espaço a um conjunto de nós menores e mais dispersos e foi através na web 2.0 que ocorreu a modificação das relações de comunicação gerando mais poder aos cidadãos para se exprimir, criar suas próprias bandeiras e colocá-las em evidência. Sendo assim, é possível defender bandeiras, opiniões das mais variadas e agregar novos sujeitos que compactuam das mesmas linhas de pensamento e assim formar um grupo que utilizam os sistemas de telecomunicações e conectarem-se com outras pessoas (RHEINGOLD, 2004) para a ampliação da representação dos ideais destes movimentos.

Neste âmbito, o Twitter foi desenvolvido com base na concepção da web 2.0, permitindo que a comunicação seja feita *peer-to-peer*, sendo considerada uma plataforma essencial para difundir protestos e reivindicações e unir pessoas distantes geograficamente em torno de uma mesma causa. Como apontam Recuero, Zago e Bastos (2014, p. 200), citando o movimento Occupy, o Twitter serviu para a:

(1) facilitação de protestos face a face; (2) cobertura ao vivo de protestos face a face; (3) retuite de informações e incorporação de links; (4) expressão de visões pessoais sobre o movimento; (5) envolvimento em discussões sobre o movimento; (6) estabelecimento de conexões com outros ativistas; e (7) facilitação de ações on-line. (RECUERO, ZAGO & BASTOS, 2014, p. 200).

Essas características da utilização do Twitter podem ser encontradas em outros protestos mundo afora assim como em ações que não são categorizadas como “protestos de rua”, mas que exigem uma participação direta e incisiva de (ciber)ativistas.

Neste sentido, através das hashtags criadas no Twitter, é possibilitado a constituição e mobilização em torno de determinado fenômeno, resultante dos aspectos positivos em relação a fluidez da circulação e distribuição de conteúdo na plataforma (DE MELLO STEFANO; VIEIRA, 2018), além de ser um espaço de interação em torno de assuntos específicos ou de interesses coletivos que possam gerar a disseminação de informações e a formação de opinião pública em torno de determinado fato (ZANETTI; LUZIVOTTO, 2018). O assassinato de Marielle e Anderson é um exemplo de mobilização e de manifestação na rede, sendo este fato, o objeto deste estudo que visa identificar a forma com a rede social Twitter atuou (e atua) como um espaço para movimentos de reivindicações e em identificar quais são os principais atores que se destacam nas narrativas constituídas após o caso.

O caso

No dia 14 de março de 2018, após a participação em um evento na Casa das Pretas, localizada no bairro da Lapa, região central do Rio de Janeiro, o carro de Marielle Franco, dirigido por Anderson Gomes e no qual também estava a assessora da vereadora, Fernanda Chaves, foi alvo de 13 disparos de arma de fogo. A vereadora carioca foi atingida três vezes na cabeça e uma no pescoço, enquanto o motorista levou três tiros nas costas, resultando no óbito de ambos no local do crime. A assessora foi atingida por estilhaços, sendo levada ao hospital e liberada no mesmo dia.

A notícia da morte de Marielle rapidamente se espalhou na mídia, houve uma intensa mobilização nas redes sociais, principalmente no Twitter. As conversações no microblog em torno do assassinato foram objeto de estudo por parte da Diretoria de Análise de Políticas Públicas (DAPP) da Fundação Getulio Vargas (FGV). Os dados recolhidos foram divulgados dois dias depois pelo instituto e apontaram “mais de 1,16 milhão de menções no Twitter”⁴. Segundo o estudo da FGV-DAPP, na época do crime, a hashtag #mariellepresente foi a mais utilizada no Twitter, aparecendo em cerca de 150

⁴ Morte de Marielle Franco mobiliza mais de 1,16 milhão de menções no Twitter. Acesso em: <http://dapp.fgv.br/morte-de-marielle-franco-mobiliza-mais-de-116-milhao-de-mencoes-no-twitter-aponta-levantamento-da-fgv-dapp/>

mil postagens (ou 13%), seguida das hashtags #mariellefranco e #nãofoiassalto, presentes em 34 mil postagens (ou 3%), cada.

Passados dois meses do crime e ainda sem desfecho para o caso por parte das autoridades, buscou-se analisar de que forma as pessoas estão se mobilizando nesta mesma rede social em cobrança por uma solução, sendo este, um dos objetivos deste estudo.

Análise de Redes

Marielle Franco

A primeira análise ocorreu através do termo “Marielle Franco”, o mais abrangente sobre a vereadora no Twitter, a partir do programa *NodeXL* no dia 16 de maio. O *software* permitiu coletar os últimos 18 mil *tweets* com esse termo o que possibilitou achar publicações feitas não apenas em maio, mas também em abril e março, mês do crime. De maneira geral, a rede “Marielle Franco” tem o total de 6.454 nós e 7.604 arestas, apresentando ainda um grafo dirigido e ponderado. Isto é, as interações possuem diferentes pesos entre si, característica da rede social escolhida para a recolha dos dados utilizados neste artigo. Vale ressaltar que este resultado foi obtido a partir do uso do filtro Componente Gigante, que eliminou nós muito distantes e por esse motivo, irrelevante para esta análise.

Com os dados em mãos e com o suporte do *software Gephi* buscou-se identificar os atores mais populares dentro da rede. Para isso, foi utilizada a análise da medida grau de entrada ponderado (*weighted indegree*) que “se refere ao número de interações que um determinado nó recebeu como direcionadas a ele” (Recuero, 2014, p. 4).

O perfil mais popular na rede “Marielle Franco” foi o de Eliane Brum (@brumelianebrum), jornalista e colunista no Brasil do jornal espanhol *El País*. Diariamente, a autora promove uma espécie de contagem de dias em cobrança por uma solução e no 55º dia após a morte de Marielle, Eliane foi quem mais se destacou nesta rede ao registrar um grau de entrada ponderado de 1.188. Na publicação, a jornalista compartilha um link com uma reportagem investigativa do portal de notícias R7 (anexo 1, em Anexos) e levanta uma questão de caráter mobilizador e que põe sob suspeita a

competência das autoridades, consideradas, então, não isentas devido às acuações iniciais dos supostos envolvidos no caso que culminou na morte da vereadora.

Figura 1: No 55º dia da morte de Marielle Franco, a jornalista Eliane Brum compartilha link de uma reportagem com “novas informações” sobre a morte da vereadora. O *tweet* teve 88 *retweets* e 299 curtidas



Fonte: Twitter, 2018.

Identificamos também, o segundo ator mais popular nessa rede, que não segue a mesma linha de postagem da escritora Eliane Brum, mas destaca-se ao utilizar do humor para fazer uma crítica à demora das autoridades em relação ao desfecho do caso (figura 2). O usuário @silviocourt publicou uma imagem, que viralizou como meme, em que aponta a morosidade na investigação do crime. Este *tweet* gerou um grau de entrada ponderado de 854.

Figura 2: Tweet do internauta @silviocourt sobre a morte de Marielle Franco: 1.014 *retweets* e 2.188 curtidas

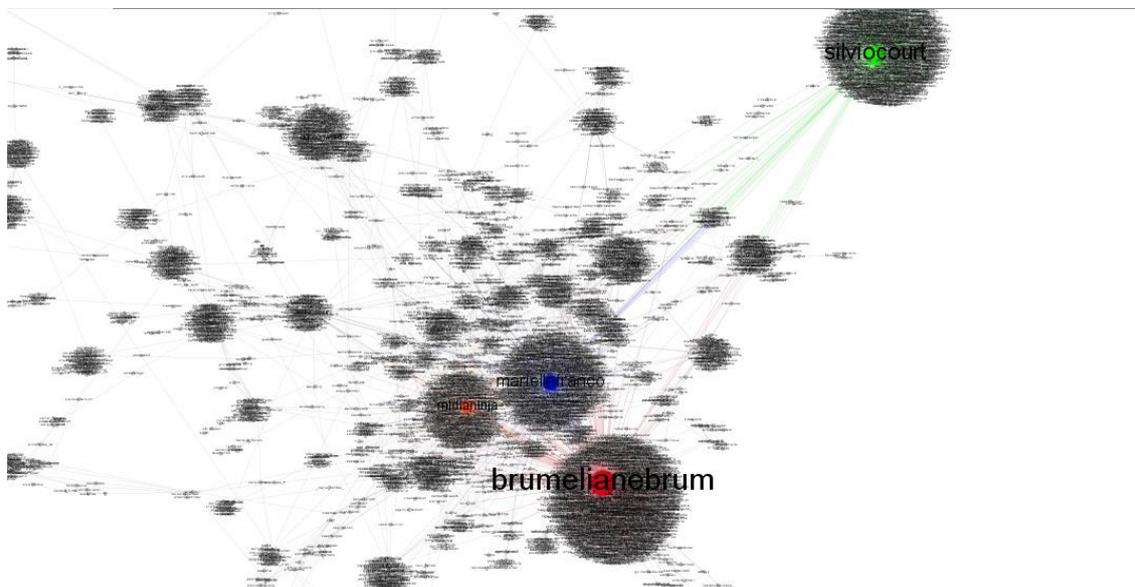


Fonte: Twitter, 2018.

Na terceira posição entre os atores mais populares, identificamos o perfil da vereadora Marielle Franco (@mariellefranco), ainda ativo e atualizado pela equipe que integrava a assessoria da vereadora, com grau de entrada ponderado 652. A Mídia Ninja (@midianinja), perfil utilizado para divulgações de acontecimentos que tendem a ter baixa repercussão na grande mídia, aparece em seguida com um grau de entrada ponderado de 425. Já o jornalista norte-americano Glenn Greenwald (@ggreenwald), que escreve para o *The Intercept*, agência de notícias online com sede nos Estados Unidos, alcançou um grau de entrada ponderado de 199.

Com exceção do perfil @silviocourt, que investe em publicações sobre assuntos variados e aposta no humor e na ironia como vetores de suas postagens, e do perfil @mariellefranco, cujo simbolismo fala por si só, os demais perfis que se destacaram na rede (figura 3) são de cunho jornalístico e estão alinhados à esquerda, campo político ao qual Marielle era ligada.

Figura 3: Grafo da rede “Marielle Franco” obtido no *Gephi* a partir do uso do filtro Componente Gigante. Em destaque, os perfis mais populares (com maior grau de entrada ponderado)



Fonte: Twitter, 2018.

Entendemos que esses atores – @brumelianebrium, @midianinja e @ggreenwald – se destacam ao exprimir uma narrativa mais politizada e ideológica do que outros perfis de jornalistas e de demais veículos de comunicação e por isso sobressaíram nas conversações a respeito da morte de Marielle Franco. Neste sentido, as narrativas:

[...] sempre foram muito importantes para manter as pessoas unidas em uma organização, pois elas podem exprimir o sentido de identidade e pertencimento – elas são capazes de dizer quem somos, porque estamos juntos e o que nos faz diferentes dos outros. Elas podem igualmente comunicar um sentido de causa, propósito e missão, exprimindo objetivos, métodos e disposições culturais – o que acreditamos, o que queremos fazer e como. A história certa pode manter as pessoas conectadas à rede que por sua flutuação não consegue antecipar a defecção. Pode, também, gerar pontes entre diferentes redes e a percepção de que o movimento tem um momento vitorioso. (ANTOUN & MALINI, 2013, p. 74).

Analisamos ainda a medida de centralidade *betweenness* (intermediação) a partir da qual se “é capaz identificar influência entre diferentes esferas de grupos” (NEWMAN, 2003, p. 20). Não registramos muita diferença em relação aos principais atores da rede. Dessa vez, no entanto, o perfil Mídia Ninja aparece como o ator mais relevante a partir da análise desta medida, o que indica ser o perfil com melhor

posicionamento dentro da rede, mesmo que com número baixo, 0.00006. Em segundo lugar, aparece o perfil brasileiro da Anistia Internacional, com 0.0000027 de intermediação. A análise destas medidas dentro da rede “Marielle Franco” permite concluir que a rede é dispersa, comprovando através do cálculo da densidade que é de 0 (zero), ou seja, a rede possui baixa conectividade, sendo a informação pouco circulante entre os atores, apesar de todos publicarem sobre um mesmo assunto.

#JustiçaParaMarielleEAnderson

Esse estudo ficaria incompleto sem que também fosse analisado uma das hashtags atreladas às publicações sobre Marielle Franco, uma vez que esse tipo de linguagem é cada vez mais utilizado para reforçar a propagação de protestos, movimentos e bandeiras políticas, sociais ou culturais, como afirmam Antoun e Malini (2013, p. 232):

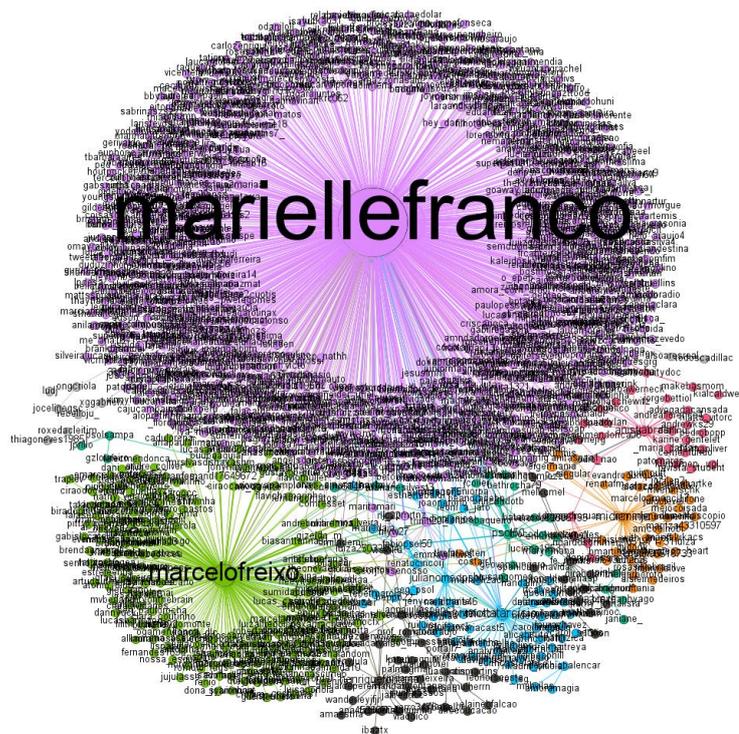
Ao nomear os movimentos com uma hashtag, os ativistas reúnem uma quantidade enorme de relatos e informações sob uma única palavra. Criam uma ‘tag de ordem’ comum, pois vai ganhar significado a partir do aluvião de tweets, postagens e publicações feitos pela multidão conectada. Embora sejam todos singulares, eles levam uma assinatura única (a hashtag), permitindo ao acontecimento sair debaixo do espaço público das ruas para se colocar sobre o espaço público da atenção midiática. (Antoun & Malini, 2013, p. 232).

Diferentemente da coleta feita com o nome Marielle Franco, que abrangeu *tweets* dos quase dois meses em que o caso está em debate nas redes sociais, a busca pela *hashtag* #JustiçaParaMarielleEAnderson encontrou resultados referentes apenas aos dez dias anteriores a 16 de maio de 2018. Essa rede encontrada (figura 4) é menor em relação à anterior. Possui um total de 1.388 nós e 1.540 arestas. Tal qual a primeira, é ponderada, ou seja, diferencia o peso das interações entre os atores e possui um componente gigante, identificado após o cálculo da modularidade.

Assim como na primeira rede, utilizou-se a medida de centralidade grau de entrada para buscar os atores mais populares dentro desta rede. Nesse sentido, o perfil @mariellefranco aparece como o mais popular, tendo grau de entrada ponderado 1.117. Em seguida, aparecem o perfil de políticos do Rio de Janeiro, filiados ao mesmo partido

de Marielle, o PSOL. O deputado federal Marcelo Freixo (@marcelofreixo), figura bastante popular dentro da política carioca, tem grau de entrada ponderado de 255 e o vereador Tarcísio Motta (@mottatarcisio) surge na terceira posição com grau de entrada ponderado de 55. Em quarto lugar, com grau de entrada ponderado 45, aparece a Mídia Ninja.

Figura 4: Grafo obtido a partir do programa *Gephi* que representa a rede #JustiçaParaMarielleEAnderson



Fonte: Twitter, 2018.

Com isso, diferentemente da rede "Marielle Franco", a rede "#JustiçaParaMarielleEAnderson" ganha um tom mais político e íntimo, uma vez Marcelo Freixo e Tarcísio Motta eram amigos da vereadora e tinham convivência pessoal com ela. Antes de ser eleita, por exemplo, Marielle foi assessora de Marcelo Freixo na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.

Posterior, em relação ao grau de saída ponderado (weighted *outdegree*), que “se refere ao número de conexões que um determinado nó faz” (RECUERO, 2014, p. 7), não há grandes atores em destaque. O maior valor, 15, pertence ao usuário @_trinity20_

é o que mais se destaca com *retweets* justamente nos atores mais populares como Marielle Franco, Marcelo Freixo e Tarcisio Motta.

Na medida de centralidade *betweenness*, é o perfil do partido político que une os atores mais populares. Com 0.000018, o perfil @psol50 ganha não só status de mobilizador, como também de divulgador do perfil de Marielle, que como já vimos, continua ativo e publicando todo o tipo de conteúdo que gere mobilização em torno de uma solução do caso. Em segundo lugar, aparece o perfil brasileiro de um movimento global em defesa dos direitos humanos, a Anistia Internacional.

Com 0.000007, o perfil @anistiabrasil também merece ser citado como um importante ator dentro desta medida de centralidade uma vez que posta sobre o tema com regularidade e também retweeta o perfil de Marielle e do próprio PSOL. Na sequência, com 0.000005, estão os usuários @_trinit20_ e @kekabagnodf, caracterizando-os como replicadores do conteúdo publicado pelos atores mais populares.

Considerações finais

O objetivo deste estudo era identificar os atores mais populares envolvidos nas conversações feitas no Twitter sobre a morte da vereadora Marielle Franco e Anderson. Para isso, utilizou-se de dois *softwares* de Análise de Redes Sociais, o *NodeXL* e *Gephi* e posteriormente mapeamos as medidas relativas aos perfis envolvidos nas conversações realizadas no microblog.

Embora a morte de Marielle Franco e Anderson tenha mobilizado a atenção da grande mídia no Brasil (e mundialmente), fica lúcido, de acordo com os dados que obtivemos, que os perfis dos tradicionais grupos brasileiros de comunicação no Twitter não tiveram destaque nas conversações em torno da morte da vereadora apesar do seu número de seguidores. Na rede “Marielle Franco”, o protagonismo tampouco coube a perfis desconhecidos ou pouco expressivos no Twitter em relação ao número de seguidores. A exceção fica por conta dos perfis @silviocourt, que possui 4.196 seguidores, e @mottatarcisio, com 14 mil seguidores. Ademais, os principais atores foram dois jornalistas (Eliane Brum, 189 mil seguidores, e Glenn Greenwald, com 960

mil seguidores), a Mídia Ninja (376 mil seguidores) e o deputado Marcelo Freixo (941 mil seguidores).

Tanto Eliane Brum, quanto Gleen Greenward e a Mídia Ninja podem ser enquadrados no que Antoun e Malini (2013) chamam de “midialivristas”, isto é, personagens que estão sempre em “rota de colisão contra o industrialismo midiático”, (Antoun e Malini, 2013, p. 22). Em congruência a este conceito:

o midialivrista é o *hacker* das narrativas, um tipo de sujeito que produz, continuamente, narrativas sobre acontecimentos sociais que destoam das visões editadas pelos jornais, canais de TV e emissoras de rádio de grandes conglomerados de comunicação. Em muitos momentos, esses *hackers* captam a dimensão *hype* de uma notícia para lhe dar um outro valor, um outro significado, uma outra percepção, que funcionam como ruídos do sentido originário da mensagem atribuído pelos meios de comunicação de massa. Essa narrativa *hackeada*, ao ser submetida ao compartilhamento do muitos-muitos, gera um ruído cujo principal valor é de dispor uma visão múltipla, conflitiva, subjetiva e perspectiva sobre o acontecimento passado e sobre os desdobramentos futuros de um fato. (ANTOUN & MALINI, 2013, p. 23).

Acerca do perfil @mariellefranco, não há elementos para apontar se o número de seguidores desse perfil se ampliou após a morte da vereadora – atualmente possui 31,6 mil seguidores (visto em maio/2018) –, mas pressupõem-se que a decisão de mantê-lo ativo tem relação a uma diretriz de cunho social e emocional. Neste sentido, a atualização diária do perfil @mariellefranco tem como objetivo preservar o legado da vereadora e cobrar justiça em relação ao assassinato. E neste contexto de atualizações diárias no perfil

@mariellefranco após a sua morte, suscita questionamentos sobre a ética nas redes sociais em um debate que envolve áreas como Sociologia, Psicologia e Direito e que está cada vez mais presente em discussões acadêmicas, a exemplo de um estudo do Instituto de Internet de Oxford, que trata os perfis de usuários mortos como “restos digitais” e defende que seu uso não tenha fins comerciais.

Elucidamos que não é objetivo deste trabalho fomentar discussões acerca a manutenção do perfil @mariellefranco, mas entende-se que a sua continuidade, bem como a atuação dos demais perfis aqui citados, está atrelada ao que Antoun e Malini (2013, p. 159) classificam de guerra em rede (*netwar*) através da qual “movimentos sociais ou pequenos grupos podem disputar a primazia da narrativa verdadeira com

Estados, instituições e corporações conversando e argumentando com os mais variados membros que frequentam sua teia de páginas web”. Sendo papel destes perfis cobrarem justiça ao caso e combater as *fake news* que surgiram após a sua morte. São dois aspectos que podem ser objetos de estudos futuros.

Em relação a apropriação e/ou polarização da presença de perfis vinculados à esquerda nas conversações das redes “Marielle Franco” e #JustiçaParaMarielleEAnderson é possível inferir que a morte da vereadora e do motorista não resultou em uma polarização política no Twitter, sendo possível analisar a ocorrência de uma “apropriação” da imagem de Marielle por perfis ligados aos movimentos políticos e sociais nos quais ela militava e que a direita se manteve alheia às discussões ao menos no tocante às redes supracitadas.

Por fim, ressalta-se que este artigo é apenas uma tentativa, entre tantas outras, de aprofundar o debate sobre a importância da cartografia das redes sociais e o que ela pode significar em termos de estudos acadêmicos e, por que não, de análise social, política e cultural. Há muitos outros pontos que poderiam ser abordados em relação ao tema exposto, tais como a difusão de *fake news*, interação digital pós-morte e a prática do *slacktivism*.

Referências

ANTOUN, Henrique; MALINI, Fábio. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. *Porto Alegre: Sulina*, 2013.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

DE MELLO STEFANO, Luiza; VIEIRA, Soraya Maria Ferreira. Fluxos de linguagens e interações na construção do fandom# BBB18. **Culturas Midiáticas**, 2018, vol. 11, n. 1, 2018.

LEMONS, André. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010.

LEMONS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LEVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.

NEWMAN, Mark E. J. The structure and function of complex networks. *SIAM review*, vol. 45, n.2, pp. 167-256, 2003.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. *E-Compós*, vol. 9, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. A conversação como apropriação na comunicação mediada pelo computador. *Comunicação, cultura de rede e jornalismo*, pp. 259-274, 2012.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. A Economia do Retweet: redes, difusão de informações e capital social no Twitter. *In: Revista Contracampo*, vol. 24, n. 1, pp. 19-43, 2012.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela; BASTOS, Marco Toledo. O Discurso dos #ProtestosBR: análise de conteúdo do Twitter. *Galáxia (São Paulo)*, vol. 14, n. 28, pp. 199-216, 2014.

RECUERO, Raquel. Métricas de Centralidade e Conversações em Redes Sociais na Internet: Desvelando Estratégias nos Debates Presidenciais de 2014. *Anais... VIII Simpósio Nacional da ABCiber*, São Paulo, 2014.

RHEINGOLD, Howard. **Multitudes inteligentes**. Barcelona: Gedisa, 2004.

ZAGO, Gabriela. Papéis dos usuários na circulação jornalística em sites de rede social: os atentados de Paris no Twitter. *Estudos em comunicação*, n. 23, 2017.

ZANETTI, Lucas Arantes; LUZIVOTTO, Caroline Kraus. Interação, participação e deliberação online: o caso do website Vote na Web. *Culturas Midiáticas*, vol. 11, n. 1, 2018.